

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

4. A existência cristã

por Luigi Giussani*

VOCAÇÃO

Somente na clareza e na segurança o homem encontra a energia para a ação.

O acontecimento do Espírito derrubou a pusilanimidade dos Apóstolos e suscitou a aventura mais intensa, corajosa e dinâmica que a história do espírito humano já conheceu.

“Só vós, ó Senhor Deus, dais segurança à minha vida.”⁵⁶ A descoberta de Cristo como centro de tudo elimina o medo e faz o homem sentir uma capacidade de contato dominador com tudo: “*Omnia vestra sunt, vos autem Christi, Christus autem Dei*” (“Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus”).⁵⁷

Mais precisamente, esta nova cultura obriga a uma concepção densa da vida, como uma atividade sem descanso e uma responsabilidade sem escapatória. Tal atividade é um verdadeiro “serviço” de todos os instantes, de todas as palavras (“quer comais, quer bebais...”):⁵⁸ serviço ao *Reino*, isto é, àquele desígnio do cosmos pelo qual Cristo é senhor de toda realidade. A existência de cada um tem um sentido – isto é, verdadeiramente existe – somente enquanto é uma função do Seu reino.

Uma função prevista pelo próprio Ideal que estabeleceu a trama misteriosa de tudo: e toda *consciência* é tal na medida em que percebe ser destinada a uma tarefa, e esta consciência é o encontro entre Deus e cada homem, o acontecimento da *vocação*.

O lugar em que esse encontro acontece de modo completo é Cristo: a vocação de cada homem é um acontecimento que ocorre no âmbito da realidade pessoal e misteriosa de Cristo: “Vós fostes chamados em Jesus Cristo...”⁵⁹

Reconhecer a própria vocação, ordenar a vida seguindo o seu chamado, conceber a existência como um serviço ao todo: eis o empenho vital do próprio ser ao qual lucidamente obriga o Espírito de Cristo, dando a força para começar e para ser fiel.

A concepção moderna da vida nunca se mostra tão distante do Espírito de Cristo como neste ponto. O critério com o qual a mentalidade de hoje habitua a olhar o futuro tem como centro o proveito, o gosto ou a facilidade do indivíduo. O caminho a escolher, a pessoa a amar, a profissão a desempenhar, a faculdade em que se matricular, tudo é determinado de modo a erigir como critério absoluto a utilidade particular do indivíduo. E isto parece tão óbvio e normal que a subversão causada pelo chamado se mostra, mesmo a muitas pessoas de bem, um desafio ao bom senso, um fanatismo, um exagero. São acusações repetidas até por educadores que se sentem cristãos, ou por pais preocupados com o sucesso humano dos filhos: os juízos nas situações privadas e públicas, os conselhos para bem viver, as advertências ou repreensões, tudo é ditado por um ponto de vista do qual estão totalmente ausentes »

⁵⁶ Cf. Sl 23(22),4.

⁵⁷ *Vulgata*, 1Cor 3,22-23.

⁵⁸ 1Cor 10,31.

⁵⁹ Cf. 1Cor 1,9.

* “Passos de experiência cristã”. In *O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2006, pp. 143-150.

» a devoção ao todo e a preocupação com o Reino, e a realidade de Cristo é exilada. “O que o todo poderá me dar? Como obter o maior proveito possível do todo?”: estes são os critérios iminentes à sabedoria mais difundida e ao bom senso mais reconhecido.

A mentalidade cristã, ao contrário, derruba essas perguntas, as contradiz e as mortifica e agiganta o imperativo exatamente oposto: “Como eu poderei doar-me, com aquilo que sou, servir mais ao todo, ao Reino, a Cristo?” Este é o único critério educativo da personalidade humana redimida pela luz e pela força do Espírito de Cristo.

A primeira juventude é o único tempo em que se podem desenvolver, *fácil* e seguramente, a sinceridade lúcida e compreensiva e a magnanimidade tenaz exigidas pela concepção cristã da própria existência.

A profunda disponibilidade de toda a própria vida no serviço ao todo é de extrema importância exatamente também para compreender *qual* é a função que se é chamado a desempenhar, *qual é a vocação pessoal*. O que deverei fazer, o que devo ser, a minha vocação, não se me apresenta normalmente como uma ordem precisa, mas antes como uma sugestão, um convite. A vocação, que é o significado da minha vida, apresenta-se a mim como possibilidade vislumbrada, e não como inevitabilidade inequívoca. Isto, aliás, é tanto mais verdadeiro quanto mais fundamental e importante é a tarefa a ser realizada. A consciência, em seu aspecto mais puro e fascinante, é a sugestão mais discreta: é a inspiração. Deste modo, eu decido minha estatura pessoal aderindo positivamente a possibilidades extremamente frágeis.

CARIDADE

A aceitação da vida como vocação, como função ao todo, define a existência como um profundo destino a *compartilhar* a Realidade da qual se nasce originalmente e da qual se depende continuamente; um profundo destino a *participar dela*, aceitando-a e oferecendo-se a ela como à vontade de Deus, como ao Seu reino. A aceitação da vida como vocação empenha a existência como *caridade*.

Busquemos nas origens da nova humanidade redimida pelo Espírito de Cristo os paradigmas mais excepcionais da riqueza e da simplicidade do amor: “*Ut sint consummati in unum*” (“Para que eles cheguem à unidade perfeita”).⁶⁰

“Chamaram então os apóstolos, mandaram açoitá-los, proibiram que eles falassem em nome de Jesus, e depois os soltaram. Os apóstolos saíram do Sinédrio muito contentes por terem sido considerados dignos de injúrias por causa do nome de Jesus. E cada dia, no Templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e anunciar o evangelho de Jesus Cristo.”⁶¹

“Ninguém me tenha como louco. Ou, então, aceitai-me nem que seja como louco, de modo que eu também possa gloriar-me um pouco... Eles – os meus inimigos – são hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São da descendência de Abraão? Eu também. São servos de Cristo? Como menos sensato digo: eu ainda mais. De fato, muito mais do que eles: pelos trabalhos, pelas prisões, pelos açoites sem conta. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Cinco vezes recebi dos judeus quarenta açoites menos um. Três vezes fui batido com varas. Uma vez fui apedrejado. Três vezes, naufraguei. Passei uma noite e um dia no alto-mar. Fiz inúmeras viagens, com inúmeros perigos: perigos de rios, perigos de ladrões, perigos da parte de meus compatriotas, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos em lugares desertos, perigos no mar, perigos por parte de falsos irmãos. Trabalhos e fadigas: inúmeras vigílias, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! E, sem falar de outras coisas, a minha preocupação de cada dia, solicitude por todas as Igrejas! Quem é fraco, que eu também não seja fraco com ele? Quem é escandalizado, que eu não fique ardendo de indignação? Se é »

⁶⁰ *Vulgata*, Jo 17,23.

⁶¹ At 5,40-42.

» preciso gloriar-se, é de minhas fraquezas que me gloriarei. O Deus e Pai do Senhor Jesus, ele que é bendito por toda a eternidade, sabe que não estou mentindo. Em Damasco, o governador do rei Aretas mandou pôr guarda em toda a cidade, para me prender. Mas, por uma janela, me desceram num cesto muralha abaixo. E, assim, escapei das mãos dele.”⁶²

Os primeiros Apóstolos *seguiram* verdadeiramente o Mestre que descrevia Sua alma na parábola do Bom Pastor, em que a caridade revela toda a sua exigência de iniciativa, criatividade e vigor.⁶³

UNIVERSALIDADE

A própria natureza da ação cristã, isto é, a partilha, indica terminantemente o seu âmbito, que é ilimitado; empenhar-se numa genuína experiência de caridade significa escancarar-se ao universo. Qualquer limite imposto do interior de nós mesmos à amplitude da nossa existência mortifica o amor; este, o amor, não é de fato um gosto, nem um cálculo nem tampouco um projeto inteligente elaborado por nós; ele é uma humilde adesão ao ser, assim como se nos oferece.

Por isso, a característica essencial e a verificação definitiva da existência cristã é a sua abertura ilimitada, ou seja, a sua *universalidade*.

Também um empenho autenticamente humano é indispensável que se estenda a todos, porque a humanidade pertence inevitavelmente a todos; e uma atenção à própria experiência humana não é verdadeira se se aparta talvez inconscientemente da experiência de todos. Porém, a clareza de uma perspectiva universal e a energia para persegui-la concretamente são mais um dom que uma conquista, mais um encontro que uma genialidade pessoal. São o fruto do Espírito.

Compreende-se, então, por que o primeiro gesto dos Apóstolos depois do Pentecostes – o discurso de Pedro aos hebreus – testemunha de modo tão inequívoco e até clamoroso a entrega a um ideal sem limites.

Tão logo a ordem do Senhor – “Ide e anunciai o evangelho a toda criatura”⁶⁴ – se tornou, pelo dom do Espírito, realidade dominante e concreta, a Igreja conheceu o advento da maturidade: pois deixamos de ser crianças e nos sentimos adultos somente quando caminhamos rumo ao universal.

É o acontecimento de um gesto decididamente humano, de um trabalho fecundo porque finalmente devolvido às suas dimensões originais.

Nenhuma experiência cristã é tal se não repete essa clara abertura ao universo. Esta abertura não se realiza tanto no impossível desprezo ou no desinteresse humano pelo particular; mas, sim, no modo como o particular é vivido. Família ou amizade, classe ou escola, estudo ou profissão podem a cada vez tornar-se objeto de sério empenho e de genuína dedicação; mas *o motivo do empenho* deve transcender todos os rostos e todos os nomes, não deve se deixar prender a nenhuma particularidade, ainda que seja muito importante. Qualquer um pode encontrar facilmente o gosto ou as razões para se ocupar do reduzido âmbito que o circunda; mas toda escolha que não tem outros motivos além de si mesma nada mais é que um egoísmo dilatado, um sentimentalismo injusto. Infelizmente, o costume de hoje afirma eloquentemente, também na altissonante mentira de seus conclamados universalismos, a incapacidade de superar uma perspectiva sempre limitada; incapacidade que se torna rapidamente impossibilidade de ser fiel ao particular, experimentado, assim, tão estreito e mesquinho como uma prisão. »

⁶² 2Cor 11,16.22-33.

⁶³ Cf. Mt 18,12-14; Lc 15,4-6; Jo 10,11.

⁶⁴ Mt 28,19.

» Ao contrário, a segura liberdade de uma existência cristã, o seu vigilante desprendimento de todo particularismo, a decidida prontidão a toda novidade autêntica constituem, por si sós, uma promessa segura, uma profecia do advento do Reino:

“Eis que virão dias,
diz o Senhor,
em que enviarei fome sobre a terra;
não fome de pão, nem sede de água,
mas de ouvir a palavra do Senhor.
Os homens vaguearão de um mar a outro mar,
circulando do norte para o oriente,
em busca da palavra do Senhor,
mas não a encontrarão.
Naquele dia desfalecerão de sede
as belas virgens e também os rapazes”.⁶⁵

Lembramos que é possível enviar perguntas e testemunhos no site
<http://eventi.comunioneliberazione.org/gscontributi/>

⁶⁵ Am 8,11-13.